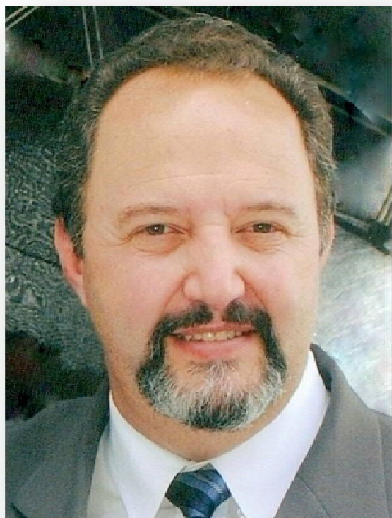


## *Sobre o “Grisu” do Professor “Barto” e os 300 anos da “Villa de São João D’el-Rey”*



*José Antônio de Ávila Sacramento*

*Falar sobre uma cidade é falar do povo que a habita, dos seus saberes, das suas curiosidades, dos seus amores, das suas saudades, é contar os seus casos interessantes.*

77

São João del-Rei é a única cidade onde o ônibus, desde os primeiros tempos em que circulou, recebeu a apelido de “grisu”. Tudo isto aconteceu graças a um episódio envolvendo uma velha jardineira e a providencial interveniência do professor Bartolomeu Cândido Balbino. Na teia deste e de outros acontecimentos é que se deu a nossa formação histórica, forjada especialmente em fatos que povoaram as nossas mentes e alimentaram a nossa formação humanista nestes 300 anos de Vila.

**Palavras-chave:** Grisu. São João del-Rei. Tricentenário.

São del-Rei is the only city where the bus from the earliest times in which circulated, received the nickname "firedamp". All this happened thanks to an episode involving an old gardener and the providential intervention of Bartholomew Cândido Balbino. In the web of this and other events is that given our historical formation, forged especially facts that populated our minds and fueled our humanistic education in these 300 years of Vila.

**Keywords:** Firedamp. São João del Rei. Tercentenary.

**F**alar sobre uma cidade é falar do povo que a habita, dos seus saberes, das suas curiosidades, dos seus amores, das suas saudades, é contar os seus casos interessantes. Conseguimos desvendar uma cidade de formas variadas, e o fazemos quando tratamos dela com o mais profundo sentimento de respeito à sua memória. Através dos tempos, fatos da arte, da política, das ciências ou das religiões tornam-se, pela força de comunicação que lhes é própria, registros nos quais as gerações vindouras se apóiam para impedir que haja um desmonte da cultura de uma comunidade. O professor paulistano Leon Frejda Szklarowsky<sup>1</sup>, afirmava que “um povo sem história é um povo vazio. E quem não relembra os feitos de seu povo, não vive, não tem alma, não sente a vida, não vibra.”.

Perseguindo estas premissas, como neste ano completaremos os 300 anos de elevação da Vila de São João del-Rei<sup>2</sup>,

tentarei reproduzir aqui um fato que aconteceu na nossa cidade, no primeiro ano da segunda década do século XX. Este relato pode até não ser novidade, mas como o esquecimento é um processo natural, com o passar do tempo algumas informações importantes acabam não sendo lembradas pelo nosso sistema de armazenamento mental; então, como cada espaço guarda em si a sua história, faz-se necessário estabelecer ligações entre o passado, o presente e o futuro, resultando tudo isto num formidável somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas de uma comunidade. Quem se aventurar a ler o livro “São João del-Rei na Crônica”, volume I, editado em 1974, escrito por Gentil Palhares, irá se deparar, a partir da página 68, com alguns dos fatos que aqui serão recontados.

Pelo que se sabe, o primeiro ônibus que veio para São João del-Rei foi um

---

<sup>1</sup> Advogado, consultor jurídico, escritor e jornalista em Brasília (DF), subprocurador-geral da Fazenda Nacional (aposentado), editor da *Revista Jurídica Consulex*. Mestre e especialista em Direito do Estado. Faleceu em 24 de julho de 2011.

<sup>2</sup> No “anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e treze annos, ao oito dias do mez de dezembro do dito anno neste Arraial do Rio das Mortes, onde veio por ordem de Sua Magestade, que Deus Guarde, Dom Braz Balthazar da Silveira mestre de campo general dos exércitos, governador e Cappitão General da Cidade de São Paulo, e Minas, para effeito de Levantar Villa o dito Arraial; e logo em virtude da dita Ordem, que ao pé deste Auto vai registrada, o criou em Villa com todas as solemnidades necessárias, levantando o Pelourinho no lugar, que escolheu para a dita Villa a contento, e com a aprovação dos moradores della, a saber na Xapada do morro que fica da outra

---

parte do córrego para a parte Nascente do dito Arraial, por ser o citio mais capaz e conveniente para se continuar a dita Villa, a qual elle dito Mestre de Campo General e capitão General apelidou com o nome de São João d’El-Rey...”. Está aqui, transcrito em parte, o Auto de Levantamento da Vila de São João del-Rei, que já no ano seguinte, por carta de 06 de abril de 1714 foi distinguida como sede da Comarca do Rio das Mortes. Completam-se então, neste dia 08 de dezembro de 2013, os 300 anos de Elevação de São João del-Rei a Vila. Para o entendimento da gênese e da história administrativa da atual cidade de São João del-Rei, três datas de suma importância devem ser observadas: 1704/1705 (Fundação do Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar), 08 de dezembro de 1713 (Elevação da Villa de São João d’El-Rey) e 06 de março de 1838 (Elevação de São João del-Rei à categoria de Cidade).

veículo com motor da marca Ford<sup>3</sup>, muito decadente, cujo funcionamento e matraquear das latarias ocasionavam incômodos por onde transitava. Naquela ocasião, 1920, frequentava a cidade Bartolomeu Cândido Balbino, personalidade nascida no dia 24 de agosto de 1865 e que era mais conhecida pelo apelido de *Barto*; era um sujeito de alma e coração abertos, boêmio, frequentador das bodegas da cidade e que cultivava muitas amizades, além de ser professor das primeiras letras de boa parte da meninada das redondezas. Certo dia, o velho ônibus enguiçou lá nas imediações da Ponte da Cadeia. O motorista, *João do Fabiano*, rodava a manícu-la<sup>4</sup>, abria e fechava a tampa do motor, apertava e desapertava parafusos, tentando a todo custo fazer com que a máquina que habitava aquele monte de lata velha funcionasse, mas todo o esforço dele era em vão. Aquela peleja despertou a atenção de alguns garotos que saíam das aulas no Grupo Escolar João dos Santos (Gentil Palhares, Edgar Guedes, João Osório, Tute Torga...); então, eles se dispuseram a ajudar a empurrar a jardineira. Apesar do esforço, o trambolho não se movia; já bastante enfurecido, o motorista coçava a cabeça e xingava, mas nada de o veículo sair do lugar...

Eis que durante aquela tremenda labuta em favor do funcionamento do “velho carro que viera do Rio de Janeiro (...), sem dúvida já aposentado, encostado nal-

---

<sup>3</sup> A carroceria dos antigos ônibus era feita em metal e madeira (geralmente fabricada pela *Crosley*); depois era montada em cima de chassi Ford. O motor, importado, também era fabricado pela empresa americana Ford.

<sup>4</sup> Antiga manivela usada para acionar o funcionamento do motor de um carro, como uma espécie de motor de arranque manual.

guma garagem da nossa antiga Capital”, passou pelo local o professor Bartolomeu, amigo inveterado de todos os botequins da cidade. (...) Já ia ele meio alto, vinha das bandas do Tijuco, onde todos diziam que existia a melhor cana do canavial da cidade. ‘Barto’ viu aquele aglomerado, tomou pulso da situação, tirou apressadamente o paletó, arregaçou as mangas da camisa, olhou os circunstantes, olhar fuzilante, como se a dizer ‘comigo a coisa vai estourar’, e desandou a fazer uma força dos diabos, enquanto a meninada, sentindo em torno o valente companheiro pronto para o ataque, ia gritando para que todos ouvissem: olha o ‘Barto’! Olha o ‘Barto’! Viva o professor ‘Barto!’; enquanto isso assobios iam estrugindo, os dedos metidos na boca, gritos, verdadeiros berros, uma confusão infernal, formando aquele cenário inusitado na pacata São João del-Rei de antanho.

“Em dado instante, ou porque o ‘Barto’ tivesse mesmo influído com a sua presença, ou porque o monstrengo estivesse mesmo resolvido a sair”, o ônibus começou a querer mover-se do lugar, como de fato saiu e embarafustou-se avenida abaixo e o ‘João do Fabiano’ firme no volante, rindo à toa”, enquanto os meninos iam se “agarrando pelos para-lamas, carroçarias, tentando galgar o interior do veículo. (...) O ‘Barto’, todavia, não dizia mais nada, apenas contemplava, via o ônibus matracolejar suas latas, seus ferros, seus para-lamas; o motor parecia, agora, soltar uma fumaça muito preta, preta feito carvão. E nada mais... E a fumaça ia aumentando, escurecendo tudo, não mais permitindo que os assistentes vissem o monstrengo que já ia à distância (...) pela avenida Rui Barbosa. (...) E foi quando, num

último brado, à moda dos guerreiros triunfantes, dos que empunham a arma vitoriosa que, num gesto nervoso aflito, soltou a todos os pulmões essa palavra que ficou na história do nosso primeiro coletivo: ‘Olha! É Grisu! É o Grisu! O Grisu está queimando! Está queimando o Grisu’.

Bartolomeu Cândido Balbino, como era de se esperar de um professor, tinha lá seus conhecimentos em química e sabia que o *Grisu* é um gás (mistura do CH<sub>4</sub> com o O<sub>2</sub>) que em ambientes fechados forma uma mistura explosiva que constituía um grande perigo nas minas de carvão. O Dicionário Houaiss também registra o termo Grisu como “substantivo masculino, datado de 1881: gás combustível, formado de metano, anidridos carbônicos e nitrogênio, que se desprende espontaneamente das minas de carvão.”

Então, a partir daquele dia, como bem escreveu José Bellini dos Santos na sua crônica “A Origem do Apelido do Grisu” (jornal Diário do Comércio, edição número 3.280, São João del-Rei - MG, 23 de janeiro de 1949),

Grisu é qualificativo dado aos ônibus desta cidade pelo professor Bartolomeu Cândido Balbino. A este pode se dar, sem o menor receio, a paternidade do crisma, que se espalhou pelas cidades vizinhas e até na Capital da República, denominação daqui levada, talvez, por algum são-joanense, ou mesmo por visitantes influenciados pela aceitação plena do apelido pelos habitantes de São João del-Rei.

O fato concreto é que nesta terra, como costuma a ocorrer até hoje, ainda que em menor escala, o termo *Grisu* passou a ser

adotado como sinônimo de ônibus, ou seja, uma expressão advinda do velho carro que “dias depois caiu na praia com o “João do Fabiano”, seu motorista...”. A respeito do primeiro ônibus em São João del-Rei, cuja concessão do serviço era explorada pelo Sr. Severo de Araújo, José Bellini dos Santos comentou que

tratando-se de uma inovação que viria satisfazer a um desejo são-joanense de possuir bondes, tantas vezes prometidos, projetados e nunca alcançados, despertou atenção o moderno veículo, quando, na Ponte da Cadeia, ponto inicial da linha, surgiu o primeiro ônibus.”

Sobre o professor Bartolomeu, José Bellini dos Santos afirmou:

três gerações ele alfabetizou, ensinando à moda antiga, soletrando e dividindo sílabas, dando lições de tabuada cantada e às vezes aplicando rijas varadas ou valendo-se da ‘S. Luzia<sup>5</sup>’ para convencer os alunos recalcitrantes. (...) Calígrafo, ensina, também, talhar bem as letras num cursivo cheio de adornos, recortes e floreios. (...) Recita poesias de Castro Alves, de Guerra Junqueiro, de Camões e estrofes de Vergílio, estas em

<sup>5</sup> Trata-se da famigerada palmatória, (fêrula, maria-vitória, menina de cinco dedos; menina de cinco olhos, pavana, santa-vitória), que era também conhecida por “Santa Luzia dos cinco olhos” ou “Santa Luzia dos cinco buracos”, denominação que em nada favorece o nome da Santa; acredita-se que esta denominação se deu por causa dos cinco furos existentes na estrutura circular do artefato (feito de madeira e formado por um círculo e um cabo); era utilizada dando vigorosos golpes na palma da mão do aluno a ser castigado e os furos ajudavam a vencer a resistência do ar e aumentavam a velocidade do golpe, aumentando, assim, também, a dor e os sinais deixados na pele a cada golpe.

latim meio estropiado, também não é para menos, o Barto, além dos 84 agostos, usa e abusa da ‘golêta’, como pitorescamente diz.

No jornal Diário do Comércio (edição número 2491, de 10 de julho de 1946), numa matéria à guisa de editorial, encontrei mais esta interessante menção ao mestre *Barto*, sob o título de “Assistiu à construção do sobrado da Praça Tamandaré”:

A nossa redação foi visitada pelo velho professor rural Bartolomeu Cândido Balbino. (...) A sua vinda a esta cidade, pois é são-joanense de quatro costados, constitui um acontecimento, tem a sua roda nos cafés que frequênta, e sempre uma história e uma piada daqueles bons tempos em que não se conheciam filas, câmbio negro e outros suplícios e patifarias dos tempos atuais. Professor normalista, é formado pela velha escola que funcionava no Largo de São Francisco, onde imperava a “Santa Luzia” e aprendia-se de fato. Apesar de sua idade propecta, recita verso de Castro Alves, Camões e trechos de Virgílio num latinório arrevesado. Conhece a fundo a história local em todos seus meandros. Fala corretamente e não se nota no velho professor o *delirium* tão comum em pessoas da sua idade e que tenham a sua vida. E que caligrafia invejável tem o professor Barto! Pois bem, o professor da roça, como ele mesmo se intitula, esteve ontem em nossa redação para dizer que o velho sobrado da Praça Tamandaré não tem um século de existência, como querem os historiadores das capitais. O professor Barto assistiu à sua construção, e a-

firma que viu a chegada de 20 carros de bois, cantando, Tijuco à fora, transportando madeira para o engradamento. Era menino, e o fato causou sensação nesta cidade pala entrada da enorme fila de carros peçados de madeira proveniente do povoado do coruja, hoje Francisco Sales. Feita esta declaração com toda ênfase, o visitante levanta-se e numa curvatura de pernas toda a seu modo, mete o dedo na vasta e bonita cabeleira branca e acrescenta:

– Ponha no jornal, se o sobrado que é mais moço do que eu foi tombado, quero também ser tombado. (...) Quero ser tombado, mas conservado... *per omnia secula seculorum*...<sup>6</sup>

Há registros que dão conta de que o professor Bartolomeu viveu seus últimos dias em estado de lastimável penúria. Antônio Ribeiro de Avelar<sup>7</sup>, em sua crônica “O Humilde Mestre da Roça”, publicada no jornal Diário do Comércio (São João del-Rei – MG, edição nº 3.346, de 17 de abril de 1949, assim se pronunciou:

Bartolomeu Cândido Balbino é um anegado, um sacrificado, um sofredor. Não fora ele, não fora a sua resistência e a sua desambição, e milhares de cidadãos estariam sem a luz do alfabeto, porque ninguém se disporia a ir para o desconforto da zona rural no exercício de labor tão nobre. O velho professor não é funcionário público, e, por isso, não tem direito à aposentadoria. Mas como os cofres públicos tem dinheiro para tudo, sobrarã, por certo, um pouco,

<sup>6</sup> Na época, o sobrado onde se situa o Museu Regional chegou a ser quase totalmente demolido.

<sup>7</sup> Poeta e prosador são-joanense que possuía o apelido de *Tote*.

uma migalha para que o pobre mestre descanse, depois de meio século de ásperos e rudes trabalhos, fartos de desencantos e ingratidões. E o velho Bartolomeu que, mesmo no auge da penúria tem o sorriso enflorido, poderá pedir a Deus bênçãos para os que souberem ser justos. (...) As leis são resultantes de exigências sociais e econômicas. Na sua estruturação os legisladores procuram resguardar os direitos e os deveres dos cidadãos. (...) O deputado Mateus Salomé, autêntico e legítimo representante de São João del-Rei, poderá, com a sua autoridade de devoto da lei, solicitar ao Governo, por intermédio da Assembléia, uma paga para quem tanto fez para o Brasil. (...) O professor Bartolomeu Cândido Balbino é um bandeirante... Os seus cabelos alvíssimos, o seu corpo envergado, exigem uma trégua empós<sup>8</sup> tantas labutas. Desumano, porém, que nos amplos limites da solidariedade cristã não se encontre um lugar ao sol para o sofrimento de um cidadão tão útil à pátria.

Parece que a lamuriosa solicitação do cronista Avelar não encontrou guarida no âmbito estadual; pelo que sei, não conseguiu que os políticos se apiedassem ou se movessem em favor do velho professor *Barto*. Então, em 26 de julho de 1949, na edição nº 3.246 do jornal de mesmo nome, Antônio Avelar voltou a solicitar ajuda, desta vez à Câmara Municipal, por meio da crônica intitulada “Ainda o Professor Bartolomeu”:

Afigura-se-me de meu dever de brasileiro e de cristão insistir junto dos po-

deres públicos no sentido de que ao professor Bartolomeu Cândido Balbino se proporcione uma réstea de luz, ainda que quando o velho e popular conterrâneo já se inclina para o ocaso. Faz 3 meses, enderecei sincero e comovente apelo, destas mesmas colunas, solicitando de quem de direito uma modesta ajuda mensal com a qual o simpático e polido velhinho pudesse comer e vestir-se, sem a penosa tarefa de andar pelas roças a lecionar, mister que gastou toda a sua tumultuosa existência. (...) E ao vê-lo assim, assumi o compromisso comigo mesmo de voltar ao assunto da crônica anterior, agora na direção da edilidade são-joanense, à qual, por certo, não passará despercebido o trabalho patriótico de quem durante mais de meio século, tanto fez por São João del-Rei, ensinando gerações e gerações. Aos líderes das bancadas, com assento na Câmara de Vereadores (...) eu dirijo esta mensagem cheia de ardências, esperando que encontrem, na aplicação das leis humanas, uma fórmula que possibilite tirar da cornucópia onde se acumulam contribuições vindas de todas as bandas uma migalha desse dinheiro para desaflegir um cidadão que foi tão útil à coletividade. Há de existir, por sem dúvida, uma fórmula. (...) Os homens de nossa terra são mais sensíveis do que todos os outros homens, talvez porque a nossa cidade tem um céu mais límpido e Deus nos abençoe com mais meiguice e ternura.

Ainda que Avelar achasse que “os homens de nossa terra são mais sensíveis”, não encontrei registros de que a solicitação dele fosse discutida ou viabilizada por aqueles que pregam que os axiomas

<sup>8</sup> Após, depois.



urgentes e imperiosos e governantes ainda é o de cuidar da Educação, o que não é de se estranhar, uma vez que sempre fazem discursos artificiosos, sugerem esperanças exageradas, mas não conseguem promover a justiça humana pelas vias políticas<sup>9</sup>. O que encontrei na edição número 3.835 do jornal Diário do Comércio, de 15 de dezembro de 1950, foi outra lamuriosa crônica na qual Agostinho Azevedo<sup>10</sup>, sob o título de “Um Mestre-Escola da Roça”, anunciava que:

Em Bom Sucesso<sup>11</sup>, sozinho e esquecido, morreu o velho professor Bartolomeu Cândido Balbino. Na Santa Casa de Bom Sucesso, anônimo, sem amigos, quase sem identificação, morreu o velho professor Barto. Dez municípios em torno, entre os roceiros, todos o conheciam e muitos penetraram, com ele, nos mistérios do alfabeto, à boa e velha maneira do B-A – BA. Disseminando o alfabeto, se bem que em doses homeo-

---

<sup>9</sup> Outra ilustre personalidade viveu em terras são-joanenses e também morreu quase que à míngua como bem escreveu o professor Oyama de Alencar Ramalho: “Em 1930, Basílio de Magalhães exilou-se para o Rio de Janeiro e aqui nunca mais voltou. Temos notícia de que, em 1952, o Governador Juscelino Kubitschek, sabedor do estado de penúria em que vivia o historiador, encaminhou uma mensagem à Assembleia Legislativa, propondo uma pensão mensal de cinco mil cruzeiros ao escritor (o que equivale, hoje, a mais ou menos 400 reais), a troco de anotar e comentar as *Efemérides Mineiras*, de Pedro Xavier da Veiga. Como Basílio não mais tinha força física para tal tarefa, não aceitou. Faleceu em 14 de dezembro de 1957, em Lambari, esquecido e pobre, a ponto de ter que vender sua biblioteca para sobreviver.”

<sup>10</sup> Cronista são-joanense que tinha o apelido de *Bude*.

<sup>11</sup> Bom Sucesso é um município mineiro, próximo ao de São João del-Rei.

páticas, o professor Barto prestou um grande serviço ao Brasil. Nas suas frequentes estadas em São João del-Rei, Bartolomeu não ensinava e nem aprendia; tomava o seu gole e contava loretas, revendo os lugares da meninice. Findo os cobres escassos, punha-se a caminho. Professor pela antiga Escola Normal desta cidade, Bartolomeu Cândido Balbino dedicou-e à mais ingrata das tarefas do magistério, quanto a proventos materiais. À margem de qualquer amparo, pela irregularidade do ensino, hoje aqui, amanhã ali, lecionou toda uma longa vida e finou-se, esquecido, só e anônimo, na Santa Casa de Bom Sucesso. Não era professor estável, mas também não o eram seus alunos. Encarregados os meninos nos rudimentos do ler, escrever e contar, breves e bastantes para decifrar a Folhinha de Mariana e saber os dias e o tempo, os nomes dos Santos e os quartos da lua, passava Bartolomeu a novas terras. Ficavam para trás oito-nove-dez eleitores novos, cuja instrução o escrivão do Distrito, farinha do mesmo saco, completava mal e mal, adicionando aos seus escassos conhecimentos de ler e escrever, um requerimento ao dr. Juiz de Direito, para a indispensável inscrição no registro eleitoral da Comarca. Não empurrava de sapiência os pobres meninos roceiros que lhe eram confiados, dando-lhes o toco miúdo da instrução, rápido, aplicável às suas necessidades de assinar com uma garranchosa pachorra os papéis do casamento e ajudar a escolher nas eleições os governos, que, como se sabe, tem sido benéficos e grandemente úteis aos nossos roceiros, cujos avós, pais e filhos, entraram, pela mão do ve-

lho Barto, nos segredos de ler e escrever, para casar bem e votar melhor. A doença foi breve e a morte veio rápida para levá-lo, tão rápida que só nos chegou, tímida e truncada, a notícia do desfecho, impossibilitando que os seus amigos, aqui onde eles são muitos e estão concentrados, providenciassem um fim menos solitário a esse excelente mestre-escola da roça. Professor de primeiras letras, Bartolomeu, que gingava pelas estradas sem malas nem embrulhos – ele - só ele – à porta do céu, nos limites da eternidade, há de ter dito a S. Pedro, o chaveiro: *abre, Pedro venho cansado e é para um longo estágio*. E gingando, entre anjos, Bartolomeu Cândido Balbino, o professor errante, vai, enfim, fixar-se nas celestes paragens.

84

Se o professor Bartolomeu Cândido Balbino chegou a desfrutar de alguma popularidade, ela não passou de sibaritismo tépido; a ausência da pessoa dele da cidade de São João del-Rei, salvo poucas e honrosas exceções (inclua-se entre elas, de forma especial, as dos cronistas anteriormente citados), parece que não valeu “cinco réis” de consideração. Os sinos, que nunca tocaram por ele, permaneceram e permanecem plangendo os seus bronzes do mesmo jeito nesta velha terra; as igrejas, que não lhe dedicaram nenhuma missa de *Requiem* e tampouco nenhum *Te Deum Laudamus*, continuaram e continuam a ser povoadas por beatas usando xale e senhores ditos circunspectos, todos procurando por missas. O certo é que o professor *Barto*, enquanto viveu, foi escravizado por um intenso labor mental e, no final de sua jornada terrena, passou as suas vicissitudes sem ter algum repouso

digno ou compensador; ao terminar a sua *Via Crucis*, foi submetido ao suplício da mediocridade ativa e insolente do esquecimento num nosocômio de Bom Sucesso, de forma quase indigente, contentando-se no dramático silêncio daqueles que não tem um lar e aceitam estoicamente, sem queixumes, as cores mais nítidas do sofrimento.

Em face do espetáculo deprimente do fim da vida desse mestre-escola da roça, sem demagogia, a gente fica pensando se o drama do professor Bartolomeu ainda não é, de certa forma, o drama do professorado de hoje... Ou será que foi, é e sempre será o drama de todos os tempos? Tomara que São Pedro, ouvindo a súplica do cronista Antônio Ribeiro de Avelar, tenha tomado para si o encargo de guiá-lo, penetrando-o num “longo estágio” nas doçuras eternas, onde ele deixaria de ser o *Barto* conformado com a sua velhice e esquecimento, para ser mais um anjo entre anjos a povoar o céu, e, servir-se, com doçura, da sua eternidade!

Assim, depois de relembrar o “Grisu”, de ter homenageado o professor Bartolomeu Cândido Balbino e também a alguns quase que já esquecidos cronistas desta terra, volto a falar da importância dos 300 anos de uma vila plantada no interior de um país que inda pouco completou os seus 513 anos<sup>12</sup>.

Já em 05 de maio de 2013, preocupado com falta de projetos que fossem conhecidos ou divulgados para celebrar a efeméride tricentenária, José Geraldo Dangelo, o “Jota Dangelo”, assim se expressou na sua crônica semanal “Pelos Esquinas”, publicada pelo jornal Gazeta de São João del-Rei:

<sup>12</sup> Este texto foi finalizado em 10 de setembro de 2013.



Não. Eu não estava presente. Não participei, não vi, não acompanhei. Naquele dezembro de 1963 eu estava terminando meu PHD em Morfologia, com especialidade em microscopia eletrônica, em St Louis, Mo. Estados Unidos, contando os dias para voltar ao Brasil antes do Natal. A festa começou às seis da manhã do dia primeiro de dezembro, com Alvorada festiva pelas bandas de música civis da cidade e o inevitável foguetório, como é típico das comemorações em del-Rei. E deste primeiro momento ruidoso, de dobrados contagiantes e espocar de foguetes, os eventos multiplicaram-se até o dia 8, data da solene comemoração dos 250 anos de elevação à categoria de Vila, do Arraial de São João del-Rei. Quem passar os olhos pela programação daquela semana vai sentir-se orgulhoso de ser são-joanense, ainda que muitas das comemorações daqueles dias tenham apenas se revestido da simplicidade de uma comunidade onde o nível socioeconômico da maioria está longe de ser o desejável. Assim, não faltaram desfiles das crianças dos grupos escolares e do Grupo Escoteiro “Sargento Randi” na avenida que ainda era Rui Barbosa, nem uma Corrida Rústica com premiação ao vencedor oferecido pela Prefeitura Municipal.

Mas, numa outra dimensão, abriu-se à Rua Marechal Deodoro 149, o IV Salão São-joanense de Belas Artes, promoção do Centro Artístico e Cultural, o CAC, dirigido pelo saudoso animador cultural, Padre Luiz Zver. A Sociedade de Concertos Sinfônicos encantou a plateia do Teatro Municipal com um concerto especial, e o Clube Teatral

Arthur Azevedo encarregou-se de apresentar em sua sede, que ainda não tinha virado supermercado, o espetáculo teatral “A Morgadinha de Val Flor”, de Pinheiro Chagas. Missas não faltaram também, pelo menos duas: uma, no dia 7, às 9h, na igreja histórica do Alto do Bonfim, seguindo-se o lançamento da pedra fundamental de um monumento a Nossa Senhora do Pilar, com discurso do historiador Fábio Nelson Guimarães, à época chefe de gabinete do prefeito Nelson Lombardi; outra, no dia 8, uma missa campal na concentração cívico-religiosa na avenida Rui Barbosa, às 8h, abrilhantada por uma composição musical do são-joanense Jacinto de Almeida, “Missa Imaculada Conceição”. Sebastião de Oliveira Cintra lançou o seu livro “Efemérides de São João del-Rei” no salões da prefeitura. Discursos os mais diversos pontilharam os eventos. No dia primeiro, no lançamento da pedra fundamental do Monumento ao Expedicionário, na Praça Severiano de Resende, rasgaram o verbo o presidente da Associação dos Ex-combatentes, o presidente da Câmara e o prefeito municipal; no dia 3, no salão nobre do Fórum, falou o Dr. Augusto das Chagas Viegas, decano dos advogados de São João del-Rei; no auditório da Rádio São João del-Rei, no dia cinco, pronunciou uma conferência o Prof. e historiador João Camilo de Oliveira Torres, e no dia 7 a palestra foi do Dr. Paulo Krüger Mourão; como não podia deixar de ser, no dia 8, na grande concentração cívica na praça Barão de Itambé, discursaram os deputados federais Tancredo de Almeida Neves, do PSD, e Celso Gabriel Passos, da UDN.

As comemorações encerraram-se na noite do dia 8 de dezembro de 1963, quando, no Teatro Municipal, foi encenada uma opereta, com o apoio indispensável da Sociedade de Concertos Sinfônicos. Muito bem. Isto foi há 50 anos atrás. E agora, que estamos comemorando 300 anos de elevação da cidade à categoria de Vila, o que está programado? Estamos em fins de maio. O que está sendo planejado? Por quem? De onde virão os recursos para as comemorações, se existirem? Quem estará na cidade? Nem um marco será inaugurado para comemorar a data histórica? Há 50 anos, até um selo comemorativo da data foi lançado pelos Correios. E agora?

Então, diante das premissas já apresentadas, impregnado por espírito de “retromodernidade”<sup>13</sup>, eu desejo que nos próximos anos a cidade de São João del-Rei não continue “paralítica no sol espiando a sombra dos emboabas no encantamento das alfaias” como escreveu Carlos Drummond de Andrade<sup>14</sup>. A minha esperança é a de que atentemos para os adjetivos e também para os apelos de Antônio

Gaio Sobrinho feitos em favor desta “briosa e fiel”<sup>15</sup> São João del-Rei, estrondosos brados que estão lançados desde o vigésimo quinto dia do mês de junho da graça de 1991<sup>16</sup>:

São João del-Rei, terra minha amada, quanto tesouro no escrínio do teu passado, quanta jóia no diadema de teus dias, quanta glória nas páginas de tua história! Que imensa riqueza de tradições nas festas de tuas igrejas, com suas irmandades e procissões! Que mundo deslumbrante de arte nas tuas corporações musicais, com suas bandas e orquestras! Que gostosas fantasias no “contam que” de tuas lendas, com seu “Bairro do Segredo” e seu “Cristo do Monte Alverne”! Que infinita cultura na longa série de tuas escolas com sua “Aula Régia” de ontem a sua “Funrei” de hoje, tão prenhe de promessas e futuro! Mas cuida-te, São João del-Rei! Abre bem os teus olhos, presta sentido e esconjura os vândalos que te querem apagada da lembrança, que te desejam órfã de tradições, que te pretendem maculada de beleza, que te reclamam prostituída de identidade. Atenta-te, São João del-Rei, para que não venhas chorar amanhã sobre quaisquer relíquias de ontem as lágrimas que hoje choras, com saudade, sobre a Ponte da Misericórdia

<sup>13</sup> Ocupar-se com carinho e atenção do tempo presente, com a mente voltada para o futuro e o olhar atento para a nova inteligência que nasce a cada dia, sem, contudo, perder de vistas as experiências e os valores que provieram do passado. Assim, creio que contribuiremos para a construção de um novo tempo mais feliz que perseguirá um futuro cada vez mais promissor, sem nos esquecer do ecletismo da nossa riqueza humana, material e intangível. A isto penso que podemos chamar “retromodernidade”!

<sup>14</sup> No poema Lanterna Mágica V - São João del-Rei, integrante do livro Alguma Poesia, publicado em 1930, que contém poemas escritos entre os anos de 1925 e 1930, ainda sob o ímpeto da modernidade de 1922.

<sup>15</sup> Epíteto criado por José Bonifácio de Andrada e Silva para São João del-Rei, em homenagem à ativa participação dela em movimentos cívicos que influíram nos destinos da vida nacional.

<sup>16</sup> No livro “No jardim da ilusão”, publicado no ano de 1994. O texto que aqui foi reproduzido parcialmente recebeu o título de “Nossa Terra” e foi escrito em 25 de julho de 1991 “a pedido de Maria Aparecida Serrate, para uma gincana da E. E. Maria Teresa”.

ou o Chafariz dos Arcos, sobre a Fonte Luminosa ou o Café Rio de Janeiro, sobre o Pavilhão de Matosinhos ou sua igreja do Senhor Bom Jesus, sobre o Teatro Artur Azevedo ou o Casarão de Chagas Dória, que inda há pouco te roubaram. No antemanhã de teu tricentésimo aniversário... Acorda-te, “Briosa e Fiel” cidade e faze-te presente no lugar que é teu por destinação histórica e sê dele eterno apanágio! Engalana-te, “Formosa Odalisca” e preserva, na fa-ceirice de teus encantos, a doçura de tua paisagem, e sê dela ciumenta guardiã!

Levanta-te, “Princesa do Oeste”, e revê no dourado do teu pôr-de-sol os trezentos anos de passada história, e sê digna de sua grandeza! Ilumina-te, “Cidade Luz”, e antevê no rosiclear de tuas madrugada a aurora de mais um século de futuras conquistas, e sê delas merecedora! Refulge-te, “Atenas de Minas”, e vê no zênite deste dia a radiosa promessa de tua juventude estudantil, e sê receptiva da homenagem que ela agora te tributa nas palmas que oferece! Viva São João del-Rei!...”



Nesta foto (reprodução do acervo do Sr. Silvério Parada), visualizamos o velho *Grisu* descendo pela Avenida Rui Barbosa, em São João del-Rei - MG.



Selo oficial editado pelos Correios do Brasil, peça comemorativa dos 250 anos da cidade (vila) de São João del-Rei, lançada em 1963.

**José Antônio de Ávila Sacramento.** Titular da cadeira número 11 do IHG de São João del-Rei e da cadeira número 15 da Academia de Letras de São João del-Rei, ambas patroneadas por Batista Caetano de Almeida. É natural de São João del-Rei/MG (distrito de São Miguel do Cajuru. É sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, entidade que presidiu por três mandatos (1999-2000 - 2003-2005 - 2006-2008), incluindo uma vice-presidência (2001-2002). Foi membro efetivo do Conselho Diretor do IPTAN/UNIPAC (Instituto de Educação Superior “Presidente Tancredo de Almeida Neves”. É membro efetivo da Academia de Letras de São João del-Rei. Exerce as funções de conselheiro titular do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, representando a Diocese de São João del-Rei. É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (Belo Horizonte/MG); sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (João Pessoa/PB); sócio correspondente da Academia Bauruense de Letras (Bauru/SP); sócio correspondente da Academia Mageense de Letras (Magé/RJ). É sócio efetivo do Instituto Cultural Visconde do Rio Preto (Valença/RJ) e sócio correspondente da Academia Valenciana de Letras (Valença/RJ). Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói (RJ). Sócio Correspondente da Academia Caxiense de Letras (Caxias do Sul/RS). Sócio Correspondente da Academia Cabista de Letras, Arte e Ciências (Arraial do Cabo/RJ). Sócio Correspondente da Academia de Letras de Irecê (Bahia). Membro do Colégio Brasileiro de Genealogia - CBG (Rio de Janeiro/RJ).